

APRESENTAÇÃO

Para o número 34 da revista *Convergência Lusíada* foi proposto que se pensasse a literatura em suas relações interdisciplinares. Partíamos da afirmação barthesiana de que a literatura assume vários saberes, de que todas as disciplinas estão presentes no monumento literário. Essa proposta, dizíamos, citando o autor, decorria não de uma insuficiência ou enfraquecimento da literatura mas de sua capacidade em acolher e expandir outros pensares. Foi a esse apelo que os autores agora reunidos responderam produzindo um conjunto de ensaios que abordam a literatura em sua relação com a psicanálise, a pintura, a arte, a filosofia, a história, o espaço, a natureza. Temos a satisfação de compartilhá-los com nossos leitores.

Um beijo dado mais tarde, de Maria Gabriela Llansol, é tema do primeiro ensaio, escrito a quatro mãos por Rita Isadora Pessoa Soares de Lima e Susana Kampff Lages. Trata-se de analisar a figura do duplo nesta obra llansoliana, a partir de um viés psicanalítico e filosófico. A escrita singular de Maria Gabriela Llansol, desafiadora do cânone de representação literária, é tema de outro ensaio, desta vez de Lígia Bernardino. A autora apresenta uma abordagem ecocrítica de *Onde vais, drama poesia?* propondo entender a escrita como natureza em processo permanente de transformação. A relação da literatura com a filosofia, ou melhor, a proposta de repensar a literatura a partir da filosofia, é tema do ensaio de Fernanda Bernardo. Nele, a autora apresenta uma dupla hipótese: a filiação bíblico-abraâmica da Literatura e, por outro, a indissociabilidade existente entre a Literatura e a Democracia.

Também interessado na relação entre escrita, sujeito e natureza é o ensaio de Igor Nascimento e Márcia Manir. Os autores leem o conto “O Largo”, do escritor neorrealista português Manuel da Fonseca, e, a partir dele, analisam as categorias de espaço, identidade e memória pelo viés da Geografia Humanista Cultural. Significa isto pensar a relação do homem com a natureza não apenas em sua manipulação técnica, mas de acordo com as suas emoções, memórias e experiências. Essa reflexão prossegue no ensaio de Verona Campos Segantini, sobre as crônicas de um viajante português, Alfredo Camarate. Publicados no jornal *Minas Gerais* durante o ano de 1894, esses textos representaram uma tentativa de compreender os impactos da urbanização sobre

os corpos e sentidos dos habitantes do arraial de Belo Horizonte, local que abrigaria a nova capital do estado de Minas Gerais.

A literatura e seu diálogo com a linguagem não verbal é tema de dois ensaios. Maria de Fátima Lambert aproxima as obras de Almada Negreiros e de Ana Hatherly a partir de textos literários breves escolhidos na obra dos dois autores, concentrando-se na observação de semelhanças no que toca a procedimentos de aproximação entre palavra e imagem. Já Marcus Rogério Salgado lê a poesia da carioca Neide Sá, enraizada no movimento da poesia visual poema/processo, mostrando como esta se desenvolve a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

O caráter interdisciplinar, desta vez do Modernismo brasileiro, é abordado por Pedro Duarte. Para tanto, o autor considera o perfil de Mário de Andrade e Oswald de Andrade, literatos, poetas, teóricos, críticos e polemistas, e aponta a comunicação entre as artes plásticas e a literatura em momentos capitais do movimento. Outro articulista, Gustavo Moura, propõe uma leitura do *Livro do desassossego*, de Fernando Pessoa, a partir de sua instabilidade constitutiva: livro, não livro; fragmento, totalidade; versão, versões. Tal instabilidade, ao questionar a própria literatura, permitiria aproximar esta obra da arte contemporânea, marcada pela inespecificidade e pós-autonomia.

Na sessão Vária, Felipe Lima da Silva e Ana Lúcia de Oliveira analisam o “Sermão de Santo Agostinho”. Busca-se demonstrar como, por meio da retórica aguda de Pe. Antônio Vieira, Agostinho seria considerado o maior dos santos na ampla hagiografia da Igreja Católica. Constata-se ainda ser a prática de reverência aos santos linha divisória entre os domínios católico e protestante, uma prática tão remota como o próprio cristianismo.

Este número finaliza com uma entrevista ao escritor português Francisco José Viegas. Realizada por Adenize Franco, estudiosa de sua obra, nela é possível partilhar com o autor questões sobre seu processo de escrita, a opção pelo gênero policial, escolhas temáticas.

Que essa diversidade de questões proporcione boas leituras!

Madalena Vaz Pinto
Editora
Ida Alves
Editora adjunta